

O NEABI como produtor de ciência vinculada ao ensino e à valorização da cultura e dos saberes locais.

Clayton Rodrigues da Silva (IFPB, Campus Monteiro).

E-mails: clayton.rodrigues@ifpb.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.02.00.00-9 (sociologia) e 7.03.00.00-3 (antropologia).

Palavras-chave: deconolonialidade; ancestralidade; epistemologias do sul; etnicidade; iniciação à pesquisa; relações étnico-raciais.

1. Introdução

Este trabalho analisa o papel do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFPB *campus* Monteiro na promoção de formação e produção científica, relatando, mais especificamente, a experiência de conduzir a iniciação científica de 10 estudante bolsistas dos cursos técnicos integrados ao médio por meio do programa PIBIC-Ensino Médio, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas) em parceria com Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande em Sumé.

O projeto desenvolvido está vinculado ao Programa de Educação para as Relações Étnico-Raciais do NEABI em Monteiro e reconhece haver certa tensão entre os saberes regulatórios do Estado – herdeiros de um projeto colonial e racista – e os saberes emancipatórios produzidos pelo movimento negro. Partindo das obras de Paulo Freire ("Que fazer: teoria e prática da educação popular", 1993; "Cartas à Guiné-Bissau", 2019) e Nilma Lino Gomes ("Movimento Negro Educador", 2018), argumenta-se que os NEABIs operam como espaços de articulação epistêmica mediando a institucionalização de demandas antirracistas (como a Lei 10.639/2003) e a produção de abordagens decoloniais.

A pesquisa-ação desenvolvida no IFPB *campus* Monteiro evidenciou que a atuação dos NEABIs na iniciação científica possibilita: (1) superar a "dúvida cosmológica" (Baniwa, 2019) que inferioriza saberes não brancos; (2) adotar a interseccionalidade como eixo agregador de complexidade compreensiva; e (3) construir alianças interinstitucionais para garantir recursos e infraestrutura. Além disso, o núcleo é estratégico para a descolonização das práticas educacionais, ainda que operem sob contradições inerentes ao Estado racializado. Por exemplo, uma série de problemas de produção agropecuária da região, bem como questões de saúde e sustentabilidade podem ser resolvidas com base em saberes e tecnologias sociais que os povos originários já utilizam e desenvolvem a séculos e até milênios.

Quanto à iniciação científica, os estudantes foram selecionados por meio de suas médias de notas na disciplina de sociologia e desde setembro de 2024 puderam conhecer e estudar conceitos, metodologias e matrizes epistemológicas outras que não as eurocentradas (Quijano, 2000). Com o debate sendo colocado a nível epistemológico, emergiram outras questões e até mesmo um outro escopo cognitivo (Mbembé, 2014), de modo que os contrastes entre as estratégias farmacêuticas de tratamento e as estratégias ancestrais foi percebido e debatido para além das estereótipos deslegitimadoras dos saberes locais.

Com isso, a sustentabilidade desses saberes foi percebida em termos de: A) impacto ao meio ambiente, com estratégias gerais de produção, de cura e modo de vida vinculados à disponibilidade e a preservação de fauna, flora, solo, fontes hídricas e clima em geral da localidade; B) pelo êxito histórico (centenário e até milenar) das populações nativas em viver e ser parte do ambiente, com alimentação, produção e saúde (Krenak, 2023); C) organização social, com a difusão de cosmovisões, valores e relacionamentos pautados na horizontalidade, no respeito mútuo e na vida comunitária e contra colonial (Santos, 2015). Por fim, todo estudo no âmbito da iniciação científica foi realizado com vistas à educação significativa, de modo que o método autobiográfico e a análise das trajetórias de vida foi eixo de discussão das ações realizadas.

2. Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), desenvolvida entre 2024 e 2025 com os estudantes do PIBIC-EM, mas também, em algumas atividades, turmas do ensino médio integrado do IFPB Monteiro e estudantes de licenciatura em sociais do PIBID/Sociologia da UFPCG-CDSA *campus* Sumé-PB (também vinculados ao NEABI). Dada a metodologia escolhida, o projeto está sendo desenvolvido em etapas que envolvem a participação cooperativa entre pesquisadores e participantes, no caso, os estudantes; visa uma mudança positiva no aspecto investigado, no caso, as práticas pedagógicas antirracistas no ensino de sociologia; e inclui os ciclos de ação-reflexão.

De modo resumido, a pesquisa é de caráter social (Bryman, 2012) e tem um desenho qualitativo (Flick, 2004), mas inscrita no tipo decolonial (Leavy, 2014, p. 179) e de métodos mistos (Idem, p. 453) considerando o que foi desenvolvido até aqui, temos:

1. **Diagnóstico inicial, análise documental e matriz de referência comum:** as reais atribuições, responsabilidades, direitos e deveres do núcleo e da instituição foram estudadas de modo a se pensar em possibilidades de melhoria. Além disso, foi elaborado um projeto de intervenção que estipulou objetivos traduzíveis em indicadores de efetivação do projeto. Esses objetivos serão listados mais adiante. Além disso,

foi estabelecida uma matriz teórica comum.

2. **Busca por articulações fortalecedoras:** Articulação com a Coordenação de Acessibilidade (CLAI) e Núcleo de Combate ao Assédio (NUCA) para ações interseccionais, com a Coordenação da Especialização em Meio Ambiente, com a gestão do campus e com as coordenações de extensão e de unidade acadêmica. Também foi possível abrir diálogos com lideranças locais, fazer o mapeamento de parcerias interinstitucionais como a que foi firmada com a UFCG-CDSA, gerando, dentre outros ganhos, Bolsistas PIBID e PIBID-Ensino Médio para o estudo e o trabalho de questões relativas à educação para as relações étnico raciais. Muito importante a busca pela articulação política com a rede de NEABIs do IFPB.
3. **Leitura de intelectuais decoloniais e contra coloniais e a escrita autobiográfica:** Foi realizada uma revisão de literatura e, na sequência os estudantes narraram suas trajetórias, articulando-as a teorias sociológicas e antropológicas estudadas, empregando um procedimento que pode ser descrito como auto etnográfico (Leavy, 2014, p. 255).
4. **Ações coletivas e observação participante:** os estudantes puderam promover e participar de oficinas, rodas de diálogos, palestras, apresentações e realizar entrevistas (Seidman, 2006) com lideranças e intelectuais indígenas, mestres e mestras locais numa perspectiva que se pode traduzir em observação participante.
5. **Intervenção político-pedagógica:** Criou-se uma agenda de articulação com lideranças locais para a geração de projetos; o a sigla do NEABI passou a ser NEABII, para incluir a interseccionalidade e envolver pautas diversas a partir da perspectiva da educação para as relações étnico-raciais.

3. Resultados e discussão

A partir da intervenção, o Núcleo passou a funcionar como uma plataforma de compartilhamento e articulação de projetos e ações. Com isso, as atividades do núcleo devem envolver reuniões mensais de articulação geral, o que não acarreta a sobreposição de tarefas em relação aos projetos e ações já vinculadas ao núcleo, que frequentemente demandam reuniões semanais ou quinzenais. Nessas reuniões mensais, todos os projetos e ações podem ser apresentadas e discutidas, no intuito de enriquecer as referências e parcerias. A seguir, é possível observar as metas relativas a cada um dos objetivos específicos, o que viabiliza a avaliação e permite que haja parâmetros mais objetivos:

1. Manter pelo menos um projeto de pesquisa vinculado ao núcleo a cada ano, envolvendo mais de um pesquisador e, de preferência, colaboradores externos ao *campus*;
2. Manter pelo menos um projeto de extensão vinculado ao núcleo, por ano, com pelo menos 1 ação no *campus* por bimestre e 1 ação externa ao campus por semestre;
3. Manter pelo menos um projeto de ensino envolvendo as temáticas de interesse do NEABII;
4. Firmar pelo menos uma parceria externa de pesquisa e uma parceria externa de extensão por ano;
5. Promover, semestralmente, para comunidade interna e externa ao *campus*, pelo menos uma formação de letramento racial, bem como formações que pautem questões relativas a gênero, sexualidade, raça e classe social;
6. Firmar pelo menos uma parceria com órgão ou entidade governamental, nas diferentes esferas de governo, por vias institucionais do IFPB, quando houver ocasião e oportunidade, no intuito de promover o programa e objetivos do NEABII.

A análise combinou perspectivas anticoloniais e decoloniais, baseando-se em Gersem Baniwa (2019) e seu conceito de "dúvida cosmológica" – um obstáculo a ser superado para a construção de epistemologias emancipatórias – e na "redução sociológica" de Guerreiro Ramos (1996), que questiona conceitos eurocêntricos a partir da realidade local. Inspirou-se também em Bell Hooks (2013) e Paulo Freire (2019), destacando a educação como espaço de diálogo e resistência ao colonialismo, valorizando o conhecimento concreto e o pertencimento.

Ademais, a interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Collins, 2016) permitiu analisar vivências no cruzamento de raça, gênero e classe. Sueli Carneiro (2023) contribuiu com o conceito de "dispositivo de racialidade", que expõe a branquitude como padrão simbólico dominante. Desse modo, os estudantes identificaram em suas trajetórias os impactos do racismo, do sexismo e do capitalismo, revisando noções como democracia racial, ideologia e desigualdade social a partir de referenciais decoloniais. Demandaram maior inclusão de autores negros e indígenas no currículo, evidenciando que a educação antirracista exige mudanças teóricas e práticas que vão além da inclusão pontual de temas.

A partir das discussões sociológicas e das oficinas realizadas em 2025, surgiu uma nova perspectiva sobre as identidades afro-brasileiras e indígenas, livre de estereótipos e visões deficitárias. Uma das dificuldades enfrentadas foi a categorização étnica, já que muitos estudantes tinham memórias familiares fragmentadas devido ao apagamento histórico. Em uma das atividades, discutiu-se como nomes indígenas e africanos foram sistematicamente negados em registros oficiais, e como aspectos culturais dessas matrizes foram apagados por um processo de epistemicídio. Esse apagamento gerou alienação e perda de subjetividade, reduzindo indivíduos a uma condição objetificada (Carneiro, 2023).

As próprias categorias sociológicas de origem europeia foram questionadas e ressignificadas, não apenas por meio de acadêmicos negros e indígenas – como na "redução sociológica" de Guerreiro Ramos (1996) –, mas também através do conhecimento de mestres Tapuia Paiaku, Kariri e Tabajara. Dessa forma, estereótipos sobre povos indígenas foram desconstruídos, dando lugar ao autorreconhecimento e ao pertencimento. A imagem genérica da "oca" foi substituída pelas casas de taipa dos Kariri e Tapuia do Sertão, assim como territórios rurais passaram a ser vistos como espaços indígenas e quilombolas. Em oficinas de línguas indígenas, palavras em tupi começaram a ressignificar o "eu", o "tu" e o "nós".

5. Considerações finais

Como destacam Freire (2019), Hooks (2013) e Baniwa (2019), uma educação libertadora não se faz com soluções prontas, mas vinculada à vida concreta e ao pertencimento. No ensino de sociologia – alvo de ataques na rede federal –, resistir à desumanização exige alternativas aos projetos empresariais que dominam a educação. Apesar da carga horária reduzida e da sobrecarga docente, é possível construir caminhos críticos.

Essas possibilidades emergem da intelectualidade orgânica dos movimentos anticoloniais, antirracistas e feministas, cujos saberes, forjados na luta, convertem-se em direitos e ferramentas de emancipação. Ao contrário dos conceitos eurocêntricos, que reproduzem dominação, esses conhecimentos permitem uma prática educativa transformadora – sem sectarismos ou negacionismo, mas com rigor crítico.

Trata-se de repensar a academia e a ciência a partir de nossas histórias, saberes e lutas. O ensino de sociologia vinculado à iniciação científica e a educação étnico-racial enfrentam desafios, mas já produz respostas. Os resultados parciais deste projeto são promissores, especialmente no uso de autobiografias para uma sociologia decolonial. Ao articular vivências e teoria, os estudantes superaram a falsa dicotomia entre saber acadêmico e popular, usando as ciências sociais como ferramenta interseccional de emancipação – antirracista (Kendi, 2020), anticlassista e antissexista.

Agradecimentos

Agradeço à gestão do IFPB campus Monteiro, por todo suporte dado ao NEABII, bem como aos estudantes bolsistas, pelo empenho e responsabilidade. Ao professor Luan Gomes por possibilitar a parceria entre o IFPB e a UFCG-CDSA em Sumé/PB, de modo que obtivemos 10 bolsas de PIBIC-Ensino Médio. Agradeço sobretudo às lideranças e intelectuais indígenas que participaram e promoveram ações diversas no âmbito do projeto e aos demais membros do NEABII de Monteiro. Por fim, agradeço também e ao CNPq por custear as bolsas dos estudantes.

Referências

- BANIWA, Gersem. **Antropologia colonial no caminho para a antropologia indígena**. Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais | Vol. 2 – n. 1 – 2019.
- BRYMAN, Alan. **Social research methods**. 4ª ed. Oxford University Press, 2012.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge, Polity Press, 2016.
- CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10/n1/11636.pdf>> Acesso em: março de 2025.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- , **Que fazer: teoria e prática da educação popular**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- KENDI, Ibram X. **Como ser antirracista** (recurso eletrônico) - tradução de Edite Siegert. Rio de Janeiro: Alta Books, 2020. 320 p.; 1,64 MB.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- LEAVY, Patricia (editor). **The Oxford handbook of qualitative research**. Edited by Patricia Leavy. Oxford library of psychology, Oxford University Press, 2014.
- MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. 3ª ed. Lisboa, Portugal: Antígona, 2014.
- QUINJANO, Aníbal. **Colonialidad el poder, eurocentrismo y América Latina**. Gráficas y Servicios, Argentina, 2000.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília: UnB, 2015.
- SEIDMAN, Irving. **Interviewing as qualitative research: a guide for researchers in education and the social sciences**. 3ª ed. Teachers College, Columbia University, 2006.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.